

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
GRUPO DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: “MEMÓRIA E HISTÓRIA: VISÕES DE MINAS”
ENTREVISTADORAS: ÉRIKA DE FARIA **ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**
APARECIDA MACIEL
ENTREVISTADO: JOSÉ DAZINHO GOMES PIMENTA
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 06/02/1996

Entrevista - fita 7 - lado A

AM: Eh... dia 6 de fevereiro de 1996, entrevista com o senhor Dazinho. Entrevistadoras: Érika Faria **ERRO! Indicador não definido.** e Aparecida Maciel. Dazinho, a última entrevista com você, você estava falando do seu cotidiano, da ligação entre a mina **ERRO! Indicador não definido.** e a Assembléia **ERRO! Indicador não definido.**, como você fazia. Você trabalhava... ia para a mina de manhã e vinha para a Assembléia à tarde. E você estava falando como é que você fazia isso, aonde você trocava de roupa, essas coisas todas. Porque duas/três vez por semana você descia à mina. Você fazia questão de descer à mina, não é mesmo?

JD: É. Duas/três vez por semana eu resolvi, mesmo como deputado **ERRO! Indicador não definido.**, continuar trabalhando na mina **ERRO! Indicador não definido.**, para continuar mantendo o vínculo junto dos companheiros trabalhadores, não é?, e demonstrando que um posto que a gente ocupava não tinha nada a ver com... com algum motivo de orgulho e de separação nossa com os companheiros. Uma vez que toda minha vida foi no meio dos trabalhadores, então achei que devia continuar. E isso de certa forma desagradava um pouco a empresa, porque durante todo o período que a gente estava [lá?] dentro da mina tinha companheiros querendo conversar sobre assuntos políticos, não é? E eles achavam que isso não só prejudicava o trabalho como também dava maior possibilidade de

conscientização dos companheiros, não é?, na participação, na luta, tanto faz sindical como política. E quanto mais envolvidos são os trabalhadores na sua condição de cidadão e ele consegue saber mais, mais consciente ele fica e mais ele está disposto a lutar pelos seus direitos. Isso não era bom nada pela empresa, não é?

AM: É. E eles... alguém da direção da empresa, em algum momento chegou a te pedir para não ir, para se afastar ou... ou não?

JD: Não. Felizmente não fizeram isso não, porque ia ser um tanto desagradável, não é?, e constrangedor, porque eu não ia aceitar e ficaria muito ruim para eles, não é? Então, eu acho que nesse ponto eles foram bastante inteligentes. Não me pediram nem impediram.

AM: Nessas... dessas três vezes por semana que você saia da mina**Erro! Indicador não definido.**, que você vinha para Belo Horizonte... Você falou na última entrevista que você acordava às cinco da manhã, pegava sua marmita, ia para a mina com a roupa da mina. Aí, você vinha para a Assembléia**Erro! Indicador não definido.** em Belo Horizonte. Você se trocava? Como é que era isso? Você ia **//JD: Não.//** com a roupa da mina?

JD: Eu voltava da mina**Erro! Indicador não definido.** e ia em casa, **//AM: Hum?//** e em casa tomava banho, trocava de roupa e pegava o ônibus Nova Lima/Belo Horizonte.

AM: E isso, assim, só para a gente localizar, isso foi no ano de...?

JD: 63.

AM: 63. Tá. E como é que era... como é que você via... como é que era sua atuação dentro da Assembléia**Erro! Indicador não definido.?**

JD: Na Assembléia**Erro! Indicador não definido.** tem um ritmo comum, não é? Ela tem o regimento/

AM: Conta para a gente como é esse ritmo?

JD: Tem o regimento interno e então como... quando eu cheguei lá, já tinha muitos deputado**Erro! Indicador não definido.**s que tinham sido reeleitos, que já tinham participação, a gente tinha um... pelo observar o posicionamento deles. É claro que a nossa posição de operário lá dentro não era a mesma postura dos deputados que já estavam lá, que na sua maioria eram pessoas ligadas ao poder domina**Erro! Indicador não definido.**nte, não é?, e que normalmente nos consideravam eh... os operários que estavam lá dentro, nos consideravam como pessoas não gratas ao sistema. Mas de

qualquer maneira nós utilizávamos o nosso tempo nas comissões que pertencíamos. No plenário pouca coisa tinha que se fazer, porque dentro da Assembléia **Erro! Indicador não definido.** Legislativa você não tem muita condição de fazer eh... muita coisa pelos trabalhadores, a não ser dar apoio nas suas lutas. Porque não pode fazer leis, a não ser leis que funcionem dentro do estado, que nós não tínhamos assim nenhum interesse em... em... em legislar coisa do estado. Nós estávamos lá representando os trabalhadores e essa representação, apesar de não ser... não poder fazer leis, mas era uma iniciação da participação dos trabalhadores num... na... no poder político, que eu acho que desde quando eu me conscientizei de que era necessário os trabalhadores participarem de política, porque eles participando, mesmo que fosse em Assembléias Legislativas, em Câmaras de Vereadores, eles estavam principiando a tor... tomaram uma consciência política, poderia mais tarde desenvolver no sentido de eh... participar da Câmara Alta e dos poderes executivos, na medida que eles podiam então eh... governar o... os seus interesses e os seus direitos. Na medida em que os trabalhadores não participam de política, deixa que os outros políticos legislem em causa deles, não é? E normalmente são contra os trabalhadores.

EF: E quando o senhor fala nós, quem... quem fazia parte do grupo do senhor na Assembléia **Erro! Indicador não definido.**? Era do mesmo partido // **JD:** Não.// ou não?

JD: Não. Era... tinham, tinham mais dois, que eram do PTB. O Clodesmidt Riani **Erro! Indicador não definido.** e o Sinval Bambirra **Erro! Indicador não definido.**.

EF: Hum, hum.

AM: Hum, hum. Eh... Nesse sentido, o senhor parece que nunca abriu mão de, antes de tudo, ser operário, de ser um trabalhador. Mesmo como deputado **Erro! Indicador não definido.** o senhor parece que faz uma questão de não separar o Dazinho deputado do Dazinho mineiro, não é?

EF: Ou seja, tá sempre vinculado a causa dos trabalhadores.

AM: ...os trabalhadores. É, é... Tinha, declaradamente, posturas, posições de outros deputado **Erro! Indicador não definido.**s de outros partidos que... que impediam que vocês ampliassem o trabalho de vocês em causa dos trabalha... na causa dos trabalhadores?

JD: Bom, abertamente não. Primeiro porque naquela ocasião nós estávamos num processo de conscientização da classe trabalhadora muito grande. Os sindicatos estavam em evidência, estavam muito prestigiado por causa do João Goulart no Ministério do Trabalho e o Getúlio **Erro! Indicador não definido.** no governo. Então, abertamente não. Eles não se opunham, nem nada. Até de vez em quando procurava manter uma certa aproximação junto de nós. Mas na... na prática deles estavam sempre contra os trabalhadores. E era uma luta surda, assim muito eh... escondida, mas mantinham os seus posicionamentos contra os trabalhadores.

AM: Já nesse ano de 63, Dazinho, você sentia dentro da Assembléia **Erro! Indicador não definido.** Legislativa algum tipo de tensão do que poderia vir acontecer depois?

JD: Sempre tinha. Porque o... o Leonel Brizola **Erro! Indicador não definido.** tinha um programa no... na Rádio Mayrink Veiga, e era um programa semanal de conscientização dos trabalhadores no sentido da participação nos movimentos sociais e políticos, principalmente no que tange o problema da reforma agrária. E então, como ele era ligado ao Jango **Erro! Indicador não definido.** e ao Getúlio **Erro! Indicador não definido.**, o programa dele era muito ouvido tinha-se uma repercussão muito grande. Então a gente sentia que os deputado **Erro! Indicador não definido.**s que mantinham a posição a nós, os trabalhadores, estavam tensos, mesmo... mesmo porque o governo do Jango vinha dando umas conotações de participação com a esquerda nos movimentos sindicais. Então havia realmente eh... por parte de alguns deles, uns mais exaltados defensores deles, é... vinha realmente já pressionando e tomando posições realmente é... que dava a entender que eles estavam preocupados com a situação que pudesse acontecer dali para diante.

AM: Antes da gente entrar nesses acontecimentos **64 Erro! Indicador não definido.** e tal, se o senhor nos permitir, eh... Como é que era... é retomar um pouquinho a sua vida mais familiar, não é? Como é que era a sua...? Como é que a sua família **Erro! Indicador não definido.**, como é que era...? Como é que lidava com o Dazinho deputado **Erro! Indicador não definido.**, como é que era seu cotidiano familiar, no que que isso...? Não só o Dazinho deputado, mas o presidente do Sindicato também... Como é que a sua família vivenciava isso ao seu lado?

JD: Bom, não foi muito fácil não, porque o... o conceito de família **Erro! Indicador não definido.** eh... uma família unida, que está sempre presente em todos os...

AM: Os momentos.

JD: ...em todos os momentos, em todos os lances, não é? E como presidente do Sindicato, ou como deputado**Erro! Indicador não definido.**, eu tinha muito pouca vivência dentro de casa, porque tinha muitos problemas, não é? Ficava... Quando eu não estava... quando eu não estava na mina**Erro! Indicador não definido.**, estava na Assembléia**Erro! Indicador não definido.** Quando eu não estava na Assembléia ou na mina, estava junto dos movimentos populares, não é? Ajudei na criação de muitos sindicatos rurais, então viajava para o interior ajudando os companheiros de lá a fundarem sindicatos rurais e isto, naturalmente, absorvia todo tempo que eu pudesse ter livre para a família**Erro! Indicador não definido.** era dedicado a esses movimentos, não é? Então a... eu tinha uma convivência muito pacífica em casa, mas tumultuada por essa falta de participação maior, uma vez que os meninos também estavam crescendo, não é?, e só a mãe deles que... e a minha irmã, que morava conosco, que participava da educação dos meninos, do encaminhamento. Tanto é que até hoje isso tem um reflexo assim muito... muito grande. Eles são muito... O que é normal nas crianças ser ligada a mãe, no meu caso eles são muito mais ainda, porque foi ela que ficou com eles o tempo todo, na medida em que eles estavam crescendo, porque... quando eu estava no Sindicato, na Assembléia e, depois, na prisão, ela acabou assumindo toda a... //AM: A frente.// a frente e ficou na condição de pai e mãe.

EF: Hum, hum. E eu queria também retomar só um pouco como é que foi sua eleição a deputado**Erro! Indicador não definido.**, a campanha em si. Como é que... como é que se deu, como é que o senhor resolver se candidatar, se foi alguém que... que te convidou... Como é que foi esse processo?

JD: Acho que isso nós já falamos.

EF: Já falamos!? Ah, é?

AM: Nós já... na última entrevista, não é? Agora é... O senhor falou uma coisa interessante aí, que eu gostaria que se o senhor pudesse falar um pouquinho mais para a gente... Sobre essa sua participação na fundação dos sindicatos rurais. Como é que... como é que... como é que isso...? Como é que foi a sua participação efetiva, você ajudou a fundar? Como é que isso se deu?

JD: Em mil e novecentos... Depois que o Jango **Erro! Indicador não definido.** tomou posse, o Jango criou o... o INCRA. O INCRA não, é... O Instituto de Reforma Agrária, como ele chamava?

AM: O Instituto de Reforma Agrária?

JD: É. Ah, eu esqueci sô o... a sigla. Mas, o... o Jango **Erro! Indicador não definido. Erro! Indicador não definido. Erro! Indicador não definido.** estava começando a criar uma infra-estrutura para a reforma agrária. E então em todos os estados tinham delegacias do... das... dessa organização e aqui em Minas Gerais a... estava na mão do João Pinheiro, não é? E ele eh... dava a gente assim muita força, no sentido de promover conscientização dos trabalhadores rurais na... participação da luta da reforma agrária. Então a... tinha, já tinha sido criada a lei de sindicalização rural **Erro! Indicador não definido.** e nós começamos, então, visitar essas aglomerações de trabalhadores rurais, ir em diversas cidades do interior, procurando levar os trabalhadores a criarem os seus sindicatos. E isso, se partisse só dos trabalhadores do local ficava mais difícil, porque os trabalhadores normalmente não acreditam muito no trabalhador, é preciso que tenha alguém que tenha assim maior... maior representação, para eles poderem acreditar mais. Então nós passamos a visitar, como deputado **Erro! Indicador não definido.** operário, passamos a visitar diversas cidades aí, e promover reuniões entre os trabalhadores, eh... incentivando-os a criarem os seus sindicatos. E para isso, naturalmente, tinha que ajudar eles entenderem a legislação para poderem começar a formar chapas e disputar. E também incentivar os trabalhadores que estavam, que estavam mais com medo de entrar na luta a participar junto com os companheiros, porque senão não tinha adiantava você criar uma diretoria, um sindicato, que não tivesse um corpo de associados para poder ajudá-los a... nas lutas contra o patrão, principalmente o patrão rural, que é muito violento e que estava sempre armado contra os trabalhadores que estavam nas frentes de luta.

AM: Esse “armados” que você... que o senhor tá dizendo é no sentido armado // **JD:** Literal...// mesmo?

JD: Literalmente.

AM: Interessante! Então voltando a... a 63, o senhor estava falando que dentro da Assembléia **Erro! Indicador não definido.**, dentro... pressupõe também dentro do movimento sindical, já se sentia uma tensão do que poderia vim acontecer um ano depois,

não é?, em 64**Erro! Indicador não definido..** Dazinho, o senhor olhando para trás, agora, qual que é sua opinião do... do Jango**Erro! Indicador não definido..**, por exemplo? Ele como Ministro do Trabalho? Qual... O senhor olhando hoje, com sua... para trás?

JD: É... Olhando hoje eu vejo como um sujeito que tinha visões políticas mais amplas e estava, naturalmente, criando pré-condições no Ministério do Trabalho para ampliar essa sua participação política. E tanto isso é verdade que ele acabou eh... sendo candidato a vice... a vice-presidente e acabou chegando ao poder. Ele quando chegou ao poder, ele demonstrou até uma certa coerência com o passado dele no Ministério do Trabalho. Porque se ele não fez todas as... as reformas, se ele não atendeu todos os apelos dos trabalhadores, não foi assim totalmente por falta de vontade não. Havia todo um..

AM: Estrutura...

JD: ...uma estrutura, que ele teria que romper, e que não era fácil. É... ele até que lutou, isso a gente não pode negar, porque ele até que lutou. Eu não posso te dizer quais eram a sua... qual é a sua ideologia, se era só ideologia de poder, ou se ele tinha eh... realmente uma visão social maior. Eu não posso dizer isso, porque não era íntimo dele, não conhecia bem. Convivi com ele, os problemas que nós tínhamos, mas era muito pouco para você fazer uma análise da... da personalidade dele. Eu acreditava mais que ele tinha era realmente interesses políticos, e enquanto esses interesses tinham necessidade de ser mantidos, e pela classe operária era um dos segmentos, ele optou por ele. E acho que ficou só nisso mesmo. Eh... Tanto é que quando houve o movimento revolucionário - sem fazer nenhuma crítica a ele nesse ponto -, no primeiro momento, caiu fora e foi lá para o exterior e... e nós ficamos aí. Claro que se fosse um cara que tivesse uma ideologia realmente voltada para um problema social, acho que com toda dificuldade teria que ter ficado.

EF: E naquela época, qual que era sua relação com o governo do estado, uma vez que o senhor era deputado**Erro! Indicador não definido.** aí?

JD: Era péssima!

EF: É.

JD: É, eu... sempre, não sei porque, mas sempre eu fui contra quem manda. [risos] É, quem manda normalmente... principalmente no sistema que nós vivemos, quem manda é

autoritário demais, não é?, e pratica atos eh... de... de força contra os menores. E então, o Governo Magalhães Pinto**Erro! Indicador não definido.**, apesar de parecer que nós tínhamos uma relação razoável, eu sempre fui bastante radical com referência a isso. E acho que não errei, porque na primeira oportunidade //**EF:** Ele demonstrou// ele demonstrou o que era, não é?

AM: Ô Dazinho, fala um pouco para a gente é... desse ano tão difícil que foi 64**Erro! Indicador não definido.**, o mais detalhadamente possível.

JD: Bom, eu não sei se eu me lembro assim de tudo não, mas eu acho que primeiro... a primeira dificuldade começou com o... um comício da... da Praça da Estação do Rio de Janeiro, não é?, que foi no 13 de março de 64**Erro! Indicador não definido.**, onde participou o Jango**Erro! Indicador não definido.**, participaram os... os praças e sargentos e cabos das Forças Armadas, todo movimento sindical do Brasil inteiro, não é?

EF: Inclusive os daqui?

JD: Inclusive os daqui. Nós estávamos lá também. Então, a partir daquele momento, acho que aí já estava realmente declarado o... a guerra entre as duas potências, não é? A dos trabalhadores, movimentos sociais, de um lado, com... com o governo; e dos detentores do poder econômico, e político... porque na realidade, quem detinha o poder político não era o Jango**Erro! Indicador não definido.** Ele era o presidente da República, mas o poder político estava na mão das grandes elites, e principalmente de alguns governadores, como Carlos Lacerda, Adhemar de Barros, não é?, em São Paulo, o Adhemar de Barros em São Paulo, não é? E esse pessoal era contra o Jango, era contra as reformas, e consequentemente contra os trabalhadores. Nós estávamos do lado do Jango, não é? É... mesmo os trabalhadores como eu, que não pertencia ao partido do Jango, que não... não éramos assim, como dizia na ocasião, janguista, não é?, mas estávamos do lado da... das reformas. Queríamos realmente as reformas. E além de tudo tinha o outro... um outro lado, não é? O Jango estava promovendo reformas que ia contra os interesses, inclusive, dos americanos aqui no Brasil. E isso era uma força que pesava. Primeiro porque todos os países da América Latina eram todos vinculados ao esquema eh... de domina**Erro! Indicador não definido.**ção americana, não é? E pelo que nós sabemos a... o governo americano estava eh... já enfiando dinheiro aí, principalmente, eh... nos meios mais reacionários para poder eh... derrubar o Jango e, consequentemente, acabar com a... as

conquistas dos trabalhadores. Então, esse comício lá da... da Praça da Estação lá no Rio de Janeiro, acho que deixou muito claro que tinha dois lados. E a partir daí, quem tinha poder de organização se organizou.

AM: Neste momento o Brasil... para o senhor... O senhor tá dizendo o seguinte: nesse momento o país estava dividido em dois polos...

JD: [tosse]

AM: ...dividido em dois polos: o polo operário e o político, que domina **Erro! Indicador não definido.**va; a classe dominante e a classe operária.

JD: Sim. E eles estavam mais organizados, por outras razões. Primeiro porque estavam eh... juntos com as Forças Armadas; segundo que a ideologia do capitalismo identificava com a ideologia das Forças Armadas, e isso facilitava muito o... o trabalho deles, principalmente levando em conta que os trabalhadores, apesar de estarem nessa luta, estavam unidos não. Existia muitas correntes entre os trabalhadores, não é? E essas correntes, apesar de estarem bem unidas eh... querendo as reformas, elas tinham brigas internas, e isso dificultava até para olhar para o futuro. Então o que as Forças Armadas e por... e o poder domina **Erro! Indicador não definido.**nte uniu, reuniu e organizou não foi perceptível por nós, que estávamos em lutas internas muito grande, não só a luta de sobrevivência, de necessidades, de nos prepararmos para reivindicarmos mais, como também nas lutas internas de... de poder, não é? As... a... a... as divergências que havia entre o pessoal ligado a... ao Partido Comunista, os que não eram, e outras correntes que podiam ter, que eu até não sei quais são não, mas que persistiam eh... nessa... nessa ânsia de cada um reivindicar e lutar por melhores condições. Então, baseado nisso, ou talvez até mais do que isso, e a gente não conseguiu perceber, as forças da...

FIM DO LADO A DA FITA 7

Entrevista - fita 7 - lado B

JD: ...qualquer divergência que eles tivessem, eles puseram de lado, e se uniram contra o que eles achavam que era eh... o interesses deles que estava sendo ameaçados.

AM: Quer dizer que essas divergências internas, essas varias segmentações dentro da classe operária impediu que a cla... que... que as pessoas, os dirigentes da classe operária eh... dessem conta dessa organização que tinha o outro lado, o outro polo?

JD: É possível. Eu não posso afirmar isto assim totalmente não, porque eu não tenho dado nenhum que me favoreça nesse sentido. Mas eu acredito que sim, eh... E eu me lembro duma ocasião... Quase nas vésperas do golpe, nós tivemos uma reunião de dirigentes sindicais e de movimentos sociais, que estávamos discutindo os problemas atuais daquele momento, não é?, e num determina**Erro! Indicador não definido.**do momento alguém, que eu não me lembro quem, levantou a questão: -*“Olha, acho que nós precisamos tomar cuidado, porque de um momento para outro aí pode ser que a reação queira assumir as condições aí de manobrar o país.”* E um outro companheiro levantou e disse o seguinte: -*“ Companheiro está por fora das coisas. Isso aqui não é Espanha de Franco, nem Portugal do...”*

EF: Salazar...

JD: ...*do Salazar não. Nós estamos em outra.*” E no outro dia estávamos mesmo preso. Então quer dizer que havia uma certa, um... uma certa convicção de que nós estávamos por cima, só porque estávamos organizando... estávamos realmente organizando, mas um pouco desorganizados. Acho que, eu não tenho assim como afirmar que se nós não tivéssemos tão divididos, que nós conseguíssemos ver o que estava acontecendo não, mas acho que isso vedou um pouco os nossos olhos, realmente.

EF: Vocês não imaginavam a força que estava do outro lado!?

JD: ...do outro lado.

EF: ...que que viria, não é? Mas aí, retomando o... o comício lá da Praça da Estação no Rio de Janeiro, começou então... o senhor acha que... que a coisa... percebeu essa polaridade lá nesse comício, não é?

JD: É. Acho que foi a partir daí que a coisa... esquentou mais para o lado deles. Acho que aí eles realmente viram... Porque na ocasião, aquela ocasião, ah, compareceu lá na Praça da Estação eh... parece que mais de 500 mil pessoas. E então isso era um volume grande, principalmente levando em conta que era gente do país inteiro.

EF: Hum, hum. É... E aqui em Minas? O movimento aqui?

JD: O movimento **//EF:** []// aqui era muito bom, estava bem organizado, estava bem eh... direcionado, mas como em todo o país nós tínhamos também os problemas que existia, não é? Naquela ocasião, tinha-se criado o **CGT** **Erro! Indicador não definido.** - Comando Geral dos Trabalhadores. E o CGT estava abraçando todas as correntes políticas e ideológicas que existiam na ocasião. Apesar da divergência que havia, pelo menos no tocante ao interesse das reivindicações, estávamos todos juntos. Só nas questões políticas que elas eh... estavam divergentes, não é? E nesse aspecto aqui em Minas não foi diferente dos outros estados não. Nós estávamos nos organizando, havia já muitos sindicatos que estavam promovendo greves de melhores condições de... **//EF:** Hum, hum.// de salário, de trabalho, eh... reivindicando melhor e mais, e com o apoio das outras categorias, não é? Quando um sindicato decretava uma greve, os outros sindicatos estavam sempre ali, ao lado deles, ajudando, promovendo eh... meios para manter os trabalhadores em greve, ajudando o sindicato com dinheiro, com solidariedade, para manter a greve, e os trabalhadores conseguirem os seus... as suas reivindicações. E isso ficou muito claro, tanto aqui em Minas como nos outros estados, que essa solidariedade, que essa organização estava realmente sendo eh... executada fielmente por todos os sindicatos, independente da corrente que eles pertencessem.

AM: Isso, sem dúvida, era uma ameaça, não é, Dazinho?

JD: ...ameaça, e grande. Porque na organização dos trabalhadores é que persistia a grande ameaça que eles sentiam; quanto mais organizados, mais coisas nós conseguíamos. A prova disso foi os benefícios que nós já tínhamos conseguido através da organização dos trabalhadores. A... o 13º salário, a... o... férias de 30 dias... férias de 30 dias, salário-

família**Erro! Indicador não definido.**... salário-família, a aprovação da Lei Orgânica da Previdência Social... Então tinham sido conquistas assim...

EF: ...bastante significativas. // **AM:** Neste...//

JD: É.

AM: Nesse período, Dazinho, o salário-família**Erro! Indicador não definido.** representava alguma coisa?

JD: Representava.

AM: Porque hoje o salário-família**Erro! Indicador não definido.** assim...

JD: É, ele nunca representou muita coisa não! Mas...

AM: Não dá nem um litro de leite, não é?

JD: Mas ele naquela ocasião representava...

AM: ...mais do que isso.

JD: Mais do que isso, é. Então eh... e normalmente - naquele tempo, hoje não -, naquele tempo, a maioria das famílias**Erro! Indicador não definido.**s tinham famí... filho, família grande, muitos filhos, e no conjunto isso ajudava um pouco.

EF: Hum, hum. E, eu não sei se foi falado, mas qual era a relação dessa época com a Igreja? Do sindicato, da Igreja... havia uma relação íntima, apoiava... algum segmento da Igreja...

JD: É, nós já falamos sobre isso também. Não... A Igreja não; alguns padres.

EF: Tá...

JD: Alguns padres tinham posições assim mais abertas e apoiavam a luta dos trabalhadores. A Igreja como um todo/

AM: Neste momento não tinha nenhuma... nenhuma organização, nenhuma pastoral, nenhuma instituição ligada a Igreja Católica que dava abertamente apoio a vocês?

JD: Tinha. A... a JO**Erro! Indicador não definido.** - Juventude // **AM:** É.// Operária Católica -, a... a JUC - Juventude Universitária Católica -, a JEC...

EF: Hum, hum.

AM: Inclusive você falou na outra entrevista que quem fez sua campanha foi...

JD: ...os estudantes.

AM: ...os estudantes, não é?

JD: ...e, e na maioria deles, os estudantes ligado mais a ala cristã, porque os estudantes ligado ao... aos comunistas tinham candidatos próprios, não é?

AM: Sim. E essas instituições católicas apoiavam, mesmo em 64**Erro! Indicador não definido.**, mesmo com a coisa efervescendo, elas davam apoio aos operários, era um apoio aberto!?

JD: Era apoio aberto. Depois de 64**Erro! Indicador não definido.**, na ocasião eles foram caçados também.

AM: Também, não é?

JD: Então, passou a ter mais dificuldade. Mas eh... até o golpe eles estavam do nosso lado.

AM: Então, retomando o comício, não é? Você estava falando desse... do comício no Rio de Janeiro.

JD: Sim, a partir do... da palavra do Jango**Erro! Indicador não definido.** lá, da disposição do Jango em ficar do lado dos trabalhadores, então aumentou ainda mais a consciência dos trabalhadores e suas lutas, e consequentemente aumentou //**AM:** A tensão.// a tensão em todo o país, não é? Nós, como eu já disse antes, nós não fomos capaz de detectar o perigo que estava eminente, e continuamos os nossos trabalhos até que no dia 1º de abril veio o golpe militar e nos apanhou de surpresa, não é? E...

AM: Mas absolutamente nada foi vazado, Dazinho? Foi uma surpresa mesmo, assim... vocês ficaram perplexos...?

JD: Ficamos. Se vazou alguma coisa, foi para uma ou outra pessoa, que também não soltou. Porque a maioria ficou completamente de pés e mãos amarradas/

EF: O senhor se lembra como é que foi esse dia, o que aconteceu? Como o senhor recebeu a notícia ou o que o senhor fazia?

JD: Bem, eu não tenho uma lembrança muito clara não, mas eu me lembro que eu estava lá em casa começando a arrumar para sair, quando recebi a notícia de que eu deveria o mais depressa ir para a Assembléia**Erro! Indicador não definido.**, que estavam necessitando de mim lá, que tinham uns problemas. Então, quando eu cheguei lá, achei realmente

esquisito, porque tinha um horror de policial, //EF: Hum, hum.// fardado e a paisana, lá na Assembléia. E, não sei se é porque eles não me reconheceram ou o quê que foi, me deixaram entrar. O Bambilra já estava preso e eu não sabia não. Quando eu cheguei lá, que abriu os trabalhos, então eu fui à tribuna tinha um período lá, que eles chamavam de pinga-fogo. //EF: Hum, hum.// Um... eu não entrei... eu me inscrevi e falei, fui contra a... os que tinham prendido o Bambilra, não é? Fiz um discurso violento lá. Aí, daí dessas horas em diante, eles ficaram cá fora indóceis, não é?, querendo me pegar. Mas parece que o presidente da Assembléia falou com eles que enquanto eu estivesse lá dentro...

AM: Quem era o presidente da Assembléia? **Erro! Indicador não definido.** nesse período? O senhor lembra?

JD: Não me lembro não. O... o Aldo Goulart **Erro! Indicador não definido.** Era da UDN. E então, eh... e eu fiquei lá, mas percebendo que eles queriam me prender. E lá tinha uma... uma garagem, aonde ficavam os carros dos deputados **Erro! Indicador não definido.**, e eles man... tinham mandado abrir uma porta diretamente da mesa da Assembléia **Erro! Indicador não definido.**, que saia no estacionamento, para aqueles deputados que quisessem evitar algum eleitor chato, que estivesse lá querendo falar com eles, saiam por trás lá, iam embora, os cara não percebiam. Então, fui lá, olhei, estava cheio de polícia lá também. Então não podia sair por lá. Mas tinha uma janela num banheiro que dava para um estacionamento na rua São Paulo, que nesse tempo a Assembléia era na rua Tamóios. Então, eu pulei a janela, pulei no telhado ali do estacionamento e sai no estacionamento, lá eu fui embora. E.../

AM: Já era esse clima de sair mesmo...?

JD: Não. Já estava... //AM: []// //EF: []// já tinha resolvido mesmo, //EF: Hum, hum.// já estava abertamente, o processo. Então sai e resolvi ir lá na Cidade Industrial ver se os trabalhador tinha organizado alguma coisa lá, não é?, para ajudar e ficar no meio deles, quando eu cheguei lá, não tinha nada. Tá tudo (limpo?), quieto, muita polícia, tudo então...

AM: Opressão assim...

JD: É. E eu voltei...

AM: ...declarada.

JD: ...eu voltei e fui, fui ficar lá na casa do Padre Aguiinaldo e do Padre Viegas. Eles tinham uma casa lá na Serra, e eu conversei com eles, e eles me deixaram ficar lá. Mas parece que alguém denunciou. Daí uns dois dias, eles bateram lá e...

AM: Você não faz idéia de quem?

JD: Não, não faço. O certo é que bateram lá e... Eles mandaram que eu abrisse, senão eles arrombavam. Para evitar que eles arrombassem, eu abri. Então eles... Eles não sabiam quem eu era, não é? Me prenderam e tal, e quando eu estava entrando no carro... - *“Como é que você chama?”* Aí, quando eu falei, ah, os cara deu um pulo assim... - *“É Dazinho”!* Aí, me prenderam, me levaram eu para o DOPSErro! **Indicador não definido..** Eu fiquei...

AM: Isso, dois dias depois do golpe? O golpe dia primeiro, // **JD:** É.// não é?

JD: É. Foi uns dois ou três dias, sei lá muito bem não. Dois ou três dias depois do golpe.

AM: E com isso o senhor já não tinha notícia também dos seus companheiros // **JD:** Não. Aí eu já não ti...// tinha acontecido com eles!?

JD: Sabia que tinha eh... uns preso, porque o Padre Aguiinaldo, o Padre Viegas, quando ia lá me falava, não é?

AM: E esses dois padres também foram presos?

JD: Não. Eles foram ouvidos em liberdade, não foram presos não, mas passaram alguns maus momentos. Foi... Principalmente pelo ato de ter me escondido lá, não é?

AM: O senhor foi levado para o DOPSErro! **Indicador não definido.** ali da...?

JD: Da Afonso Pena. Depois de lá eu vim para o DI. Estive lá no DI, depois voltei para o DOPSErro! **Indicador não definido..**, do DOPS fui para Neves, de Neves eu voltei para o DOPS, depois para Juiz de Fora...

AM: Colocado junto... O senhor foi colocado junto com qualquer outro preso, com marginais...?

JD: Não. Nós tínhamos lá...

AM: Era diferente?

JD: Não, nós tinha... uma cela... na mesma cadeia tinha presos comuns também. // **AM:** Hum?// Mas nós éramos muitos presos políticos que estava em Neves. Era talvez uns 50 ou mais.

EF: O senhor, nessa época lá, se encontrou com o Faria **Erro! Indicador não definido.**? Lá em Neves?

JD: Encontramos.

EF: Hum, Hum...

AM: Pois é. Aí... Vamos voltar esse dia aí. O senhor falou que foi preso e tal... O senhor ficou quanto tempo preso, no total?

JD: Dois anos e oito meses.

AM: Nesse período, ô Dazinho, perdeu completamente o contato com a família **Erro! Indicador não definido.**?

JD: Não, eles me // **AM:** Não, não é?// visitavam lá.

AM: Pois é, mas... mas...

JD: Ah, sim. A não ser a visita deles lá na prisão, eu fiquei completamente [].

AM: O senhor não tinha receio é... é... será que eu posso usar a palavra medo, de que eles fizessem alguma... uma pressão com a sua família **Erro! Indicador não definido.** não? Que eles fossem atrás...? // **JD:** Oh, eu...// Era bem separado a sua família nessa época, o senhor sabia bem...?

JD: Oh, realmente tinha, porque nós tínhamos notícias de que eles tinham invadido casas, igrejas e tudo, então, esse medo existia. Mas, era só medo. Não podia fazer nada, não é?, completamente tolhido, não é?

EF: Mas eles chegaram a invadir sua casa?

JD: Acho que invadir mesmo não. Estiveram lá, eh... acho que fizeram algumas ameaças, mas foi coisa mais superficial.

AM: E nesse período, Dazinho, pelo menos no período imediato, vocês tinham é... você, o Faria **Erro! Indicador não definido.**, o pessoal, vocês tinham é... notícias do que estava se passando lá fora? É... o que que estava acontecendo do lado de fora?

JD: Não, notícia assim é... que você pudesse é... acreditar totalmente não. Mas tinham os boatos, não é? E tinha alguns companheiros que tinha rádio, e através do rádio o... sabíamos algum noticiário, não é? Nessa ocasião, as rádios não faziam outra coisa a não ser dar notícias do... do movimento, não é?

AM: ...que estava acontecendo // **JD:** É.// no país, não é? E como é que ficou o... o Sindicato lá, a mina **Erro! Indicador não definido.**? Foi... como é... Que que aconteceu, imediato? O senhor se lembra? Teve notícia?

JD: É, eu tive notícia que um grupo grande de trabalhadores ameaçaram de parar a... a mina **Erro! Indicador não definido.**, não é?, [e de?]/

AM: Eles ainda tentaram resistir?

JD: É. Resistiram. Então, // **AM:** Hum?// a polícia dissolveu, prendeu a... os líderes, não é?, e enquadrou todos os trabalhadores que pôr um... que eles julgaram que por um acaso tivesse assumido qualquer postura eh... de luta contra o movimento do golpe. E imediatamente o... o... o Comando Militar nomeou interventores para o Sindicato.

AM: Ah, sim?

JD: É. Tomou o sindicato dos trabalhadores e colocaram pessoas da confiança deles, que trabalhavam na empresa, não é?, na direção dos sindicatos. // **AM:** Quer dizer que não foi...// Não foi só do sindicato de Nova Lima não.

AM: Quer dizer que não foi desmobilizado, o sindicato não foi é... é... desfeito; aparentemente o sindicato continuava, mas com pessoas deles?

JD: É, pessoal deles. Botaram interventores lá, // **AM:** Hum?// de... de pessoas indicada pela imprensa.

AM: Pela imprensa?

JD: Empresa.

AM: Pela empresa.

JD: É. E eles eh... vasculharam o Sindicato a procura de documentos e de provas que pudessem incrimina **Erro! Indicador não definido.** r os diretores do Sindicato, não é?, ou gente ligada ao Sindicato, em atividades considerada, por eles, subversivas.

AM: Então todos aqueles... Mesmo os líderes sindicais anteriores, que é... traziam a expressão comunista, foram todos descobertos pelos... por esses documentos?

JD: É. Mesmo os... o... só os sindicatos mantido pelos pelegos, pessoas que estavam contra nós... Que tinham alguns sindicatos que estavam contra nós, eram os sindicatos mais ou menos manipulado pelos patrões, que não teve intervenção. O resto, todos tiveram.

EF: E eles... você sabe de notícia deles terem forjado alguma prova? Porque eles inventavam, às vezes, uns boatos, porque fulano trabalhava para... para... para a extrema esquerda, não é?, inventava aqueles boatos. Isso aconteceu, de companheiros seus, ou no seu próprio

//**JD:** É, no caso do compadre Faria**Erro! Indicador não definido.** mesmo, não é?// É, ele...

JD: Ele... ele sofreu e nós também sofremos um pouco por isso, lá em Nova Lima, porque o... o tal caixote**Erro! Indicador não definido.** com as armas que tinha vindo da Tchecoslováquia eh... nós tomamos ele emprestado para poder dar Kombi para os trabalhadores, sentar trabalhador que voltava []. E eles acharam o caixote, e então nós também estávamos acusado de ter importado arma //**EF:** Importado arma...// da Tchecoslováquia, não é?

AM: Eu não sei dessa história do caixote**Erro! Indicador não definido.** não!

JD: O compadre Faria**Erro! Indicador não definido.** deve ter contado.

EF: Ele comunicou. []

AM: Essa história?

EF: É. Porque na realidade não tinha nada de arma //**JD:** Não, eles tinha...// Era um mimeógrafo.

JD: Era um mimeógrafo, é, que eles tinham comprado...

EF: ...que eles tinham comprado, que o sindicato comprou...

JD: É, e veio com embalagem, não é?

AM: Aí, do mimeógrafo, virou arma!?

JD: Virou arma, sim.

AM: Era da Tchecoslováquia? [riso] Mas, ô Dazinho, que sindicatos são esses? Você... eh... Seria desagradável você citar quais foram esses sindicatos considerados pelegos?

JD: É, um pouco desagradável e constrangedor.

AM: Hum, hum.

JD: Primeiro, porque tratava de sindicato dos trabalhadores.

AM: Se não der...

JD: E segundo, porque os companheiros, acho que na maioria já morreu, não é?

EF: O senhor tinha mais ligação com o Sindicato dos Bancários, não é?/

JD: É, e dos Metalúrgicos, // **EF:** Metalúrgicos.// não é?, // **EF:** Hum, hum.// e dos... dos Tecelões.

EF: Ah, é isso.

AM: Lá de Juiz de Fora, esse dos Tecelões?

JD: Não, aqui mesmo.

AM: Daqui mesmo.

JD: É.

AM: Que Juiz de Fora também tinha, não é?, o Sindicato/

JD: Juiz de Fora tinha. Cataguases...

AM: É. Tinha... em Juiz de Fora tinha.../

JD: Nós até tínhamos muito contato com eles, mas eh... era um contato mais a distância. A nossa vinculação estava mais ligada com os sindicatos mais próximos aqui de Belo Horizonte, // **AM:** Hum, hum.// não é? Apesar de estarmos unidos nacionalmente, não é?

EF: E era uma ligação muito forte, pelo que parece, não é? // **JD:** muito forte// E como que vocês faziam reuniões conjuntas, a cúpula dos sindicatos, ou...? Como é que era essa..?

JD: Fazíamos. Aqui tinha uma delegacia da CNTI **Erro! Indicador não definido.** - Confederação dos Trabalhadores da Indústria -, não é? Então, nós mantínhamos lá, toda segunda-feira tinha uma reunião das cúpulas que quisessem participar, para discutir... Mas isso muito antes do problema da... do golpe militar, não é? Nós já tínhamos essas reuniões

para discutir problemas internos, aqui de Minas Gerais, não é? E até problemas também de fora de Minas Gerais, desde quando eles dissessem eh... qualquer interesse nosso na sua participação.

AM: Ô Dazinho, como é que foram esses dois anos e meio?

JD: Bem, assim, muito... muito duros. Mas também foram, de certa forma, assim é... muito educativo. Nós estivemos eh... na prisão com gente de todos os... de todas as... as malhas, não é? Companheiros inocentes, inocentes mesmo! Que... Eles, na ocasião, utilizavam muito a palavra de inocente útil**Erro! Indicador não definido..** Mas nós tínhamos junto conosco, preso lá, gente inocente.

AM: E o que que era esse inocente útil**Erro! Indicador não definido.?**

JD: Era pessoas que, segundo eles, estavam servindo aos... a ideologias estranhas, é... pensando que estavam servindo o país e ao povo brasileiro isso eles chamavam de inocente útil**Erro! Indicador não definido..** Agora, nós tínhamos muitos companheiros que foram presos lá nas suas cidades e que trabalhava há muitos anos com os fazendeiros lá, e como a lei mandava indenizar, os fazendeiros denunciavam esses caras como comunistas, // **AM:** Ah, sim!// a polícia ia lá, prendia, trazia para cá, depois soltava... - *“Oh, vocês não volta lá mais não.”*

AM: Que interessante!

JD: Então, os companheiros com medo de ser preso - e normalmente apanhavam, eram torturados e tudo -, então, não voltavam mesmo não. Só buscavam a família**Erro! Indicador não definido..**, ia para a rua da amargura. E também tivemos muitos... muitas pessoas, que a gente não conhecia, que estava do lado da gente, que a gente não conhecia; alguns intelectuais, não é? Pessoas que pertenciam ao pensamento mais a esquerda assim, que não tinha nenhuma vinculação conosco, mas que pensavam diferente deles. Então essas pessoas, eu não sei como que eles sabiam, foram muitos presas e... pessoas que nos ajudaram muito na prisão. Não... não no sentido assim mais/

AM: Material.

JD: Até material também.

AM: Ah, também?

JD: É, porque na medida em que eles eh... conversavam com a gente, que mostravam alguns... algumas coisas que a gente não entendia, por exemplo, porque eu sou semi-analfabeto então tinha dificuldades em algum... em perceber algumas coisas, eles conversavam muito com a gente e mostravam o porquê das coisas que estavam acontecendo, porque que elas aconteceram, porque que iriam acontecer ainda e tudo. Então, nos preparava, de certa forma, para a gente entender melhor esse processo. Também como havia tortura, espancamentos e tudo, a gente se organizava de uma certa forma para dar solidariedade aos companheiros que sofriam mais na pele o... a... a incompreensão dos domina**Erro!**
Indicador não definido.ntes, não é?

AM: Hum, hum.

JD: E... havia também uma certa solidariedade. Pôr exemplo, nós recebíamos eh... roupas, remédio, e até dinheiro, em solidariedade, então formava um, um... tinha alguém que ficava encarregado de receber isso e de distribuir isso segundo as necessidades das pessoas que estavam lá. E tinha gente que tinha muita necessidade.

EF: Então foi formada uma rede mesmo, de ajuda, solidariedade !?

JD: //Foi.// Era muito fechada e muito assim em segredo, mas houve.

AM: Além do... do Faria**Erro! Indicador não definido.**, o senhor se lembra de outras pessoas em que o senhor estreitou mais os laços de companheirismo nesse período?

JD: É, o [], o Fausto Drumond, o Alberto, é... o professor [Lobinja?], o... []

FIM DO LADO B DA FITA 7

A

Aldo Goulart, 14
Ano de 64, 4; 6; 7; 13
Antônio Faria, 15; 16; 17; 18; 20
Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1; 2;
3; 4; 6; 13; 14

C

Caixote de “armas”, 17; 18
CGT, 11
Clodesmidt Riani, 3
CNTI, 19

D

Deputado, 1; 2; 3; 4; 5; 6; 7; 14
DOPS, 15

F

Família, 4; 11; 12; 16; 20

G

Getúlio Vargas, 3; 4
Governo Magalhães Pinto, 7

I

Inocente útil, 19

J

Jango, 4; 5; 6; 7; 13. *João Goulart*
JOC, 12

L

Lei de sindicalização rural, 5
Leonel Brizola, 4

M

Mina, 1; 2; 4; 8; 10; 16; 17; 20

S

Sinval Bambirra, 3